

DEPOIS DO ARCO-IRIS

Roteiro - Naum Alves de Souza

Textos - Alberto Guzik

Durante a entrada do público o Anjo-da-guarda e o homem estudam - black-out.

Uma caminhada: Um homem carrega um anjo-da-guarda nas costas.

HOMEM - Todo mundo sonha: o senhor aí, o senhor lá, aquela senhora lá, atrás, o presidente da gente, o dos Estados Unidos, o de Uganda o rei Bokassa daquele país da África, a Elaine "a crucificada" dos pampas", a minha irmã que sonhava que era amiga da Elizabeth Taylor e da Margaret, irmã da rainha da Inglaterra, o lixeiro dela, o mundo inteiro sonha. A maioria não se lembra, já no dia seguinte, o que sonhou de noite. Para onde será que vão os sonhos sonhados, os lembrados e os esquecidos, os bons, os maus, Que gozando... Será que existe um jeito de sonhar só mesmo aquilo que a gente bem entender?

Durante todo este tempo o anjo dorme em pé, quando o homem termina de falar começa a dançar, despreocupado, livre, como num sonho. O anjo acorda e começa a arrumá-lo para o trabalho - transforma sua vestimenta até que ele começa a trabalhar, feliz como num sonho.

AÇÃO DE GRAÇAS

VELHA - O trabalho enobrece, não é meu amor?

VELHO - Dá paz, dá calma. A gente se sente mais perto do mundo.

VELHA - Eu gosto de ver os campos arados. É bonito subir numa árvore para colher frutos.

VELHO - Somos abençoados.

O HOMEM entra num esboço de dança - acaricia os velhos com respeito.

HOMEM - Somos abençoados. Em nossa terra, não chove demais, os campos não ficam alagados. Não chove de menos também. Os campos, assim não secam. Temos um clima perfeito. Cada estação se segue à outra, sem desordem nem confusão. O inverno traz frio e chuvas... Mas depois vem o calor e o sol sorri para as sementes e gargalha com a colheita.

Velha como se lembrasse de algo ruim para contar para a platéia.

VELHA - Antes tínhamos vizinhos, aí do lado.



.....2

VELHO - Mas a gente não gostava deles. Aliás, não gostávamos nem desgostávamos.

VELHA - Para falar com franqueza, não nos dávamos com eles.

VELHO - Era gente muito infeliz, sabe?

VELHA - Quer dizer, gente cheia de problemas.

VELHO - Não é bom a gente parar de falar nisso? Já foram embora há tanto tempo...

VELHA - Eu acho que foi bom para todos.

O homem neutro espaço correndo gritando e rindo. O sexual.

HOMEM - Sol e chuva, casamento de viúva.

Chuva e sol, casamento de espanhol:

(dança como um par no salão) Eu adoro sentir o cheiro da terra molhada. Cheiro de terra, depois que chove! Eu enlouqueço! Me dá vontade de pular, de gritar, de voar! (sai pulando e gritando passando a bater asas)

HOMEM - Eu não sou viúva! E não sou espanhol!

VELHA - (chamando) A comida está na mesa. O pão de milho está quen tinho!

Forma-se a cena da refeição.

HOMEM - A horta estava tão linda, parecia um jardim. (Ri, excitado)

VELHO - (severo por causa do riso) Cada um deve render graças com o fundo da alma por ter essa comida. (Quando o homem vai pegar alguma coisa, o velho impede, de maneira autoritária e todos se ajoelham para agradecer) Escurece.

O Velho e a velha conversam enquanto ela tira medidas e o faz experimentar uma roupa. Conversam:

VELHO - Eu continuo dizendo que não!

VELHA - E eu continuo garantindo que sim!

VELHO - Você está muito velha, não se lembra direito.

VELHA - Lembro muito bem, sim senhor. Ele teve uma febre quando era bem novinho. Aliás, essa febre foi passada por alguém que tinha umas idéias esquisitas e perigosas... É isso mesmo, esquisitas e perigosas... Foi alguém que andou por aqui atrás daqueles vizinhos proble máticos, que também tinham idéias esquisitas e perigosas e que felizmente já foram levados embora há muito tempo.

VELHO - Eu lembro mas já esqueci. Aquilo não foi febre, foi um resfriadinho a toa. Não passou de umas tossidinhas e uns espirros. Nem precisou de farmacêutico, a saúde dele sempre foi de farro, nun ca deu trabalho.



..... 3

VELHA - Isso é verdade. Não mesmo. Foi só no dia da febre.

VELHO - É mesmo, foi só aquela febre.... Que febre coisa nenhuma.

O HOMEM passa carregando cestos cheios de frutos.

VELHA - Foi a criança mais linda que eu já vi.

VELHO - A vizinhança toda vinha ver. Era o mais inteligente também. De todo o bairro!

VELHA - De toda a cidade! (os dois se entreolham, achando que são poucos os elogios)

VELHO E VELHA - Do país inteiro! Do mundo!

VELHA - Ganhava todos os prêmios da escola!

VELHO - E quando não ganhava na escola, os vizinhos davam!

VELHA - Às vezes, nós mesmos até...

VELHO - Nunca obrigaram ele a fazer educação física no colégio... Mas ele fazia mesmo que não mandassem, só porque gostava...

VELHA - Eu não gostava muito que ele gostasse... E eu acho que você é que pedia e por isso ele concordava. Foi sempre uma criança tão gentil! Tão cordata!

VELHO - Tudo é tão bom, tão alegre!...

O Velho e a Velha se abraçam.

O homem chega carregando pacotes, solta-os no chão, ventos inquietantes o afastam de seu pai e sua mãe, ele faz força para não ser separado - não consegue - cede. Afastado executa a alegoria da busca de novos horizontes e num momento de reflexão:

HOMEM - Não pode ser diferente?

Voces estão tão longe....

(A respiração do pai é difícil e o tira deste momento de questionamento) O homem vai até o pai pega-o nos braços e o deposita no chão perto da Velha:

VELHA - Não vê embora meu velho... Meu velho... Meu velho...

HOMEM - Ele está morrendo. É só esperar...

VELHA - (falando enquanto passa um pano na testa do velho) Meu velho... Meu Velho... Meu Velho... O Meu Velho...

MUDANÇA DE CLIMA - Entra a Morte, acena para o Velho que vai encontrar-se com ela. Fracamente, a velha tenta segura-lo mas deixa-o escapar. Ele cumprimenta a Morte normalmente, dialogando por mímica pede mais um prazo. Tenta negociar até oferecendo dinheiro, mas ela não aceita, O Velho conformado (Se não tem outro jeito, né?) vai despedir-se da Velha - Dançam, a Velha com o Velho nos braços, roda,



..... 4

vagueia. Um momento, uma parada, é o fim do Velho. Ela o beija com carinho e vai entregá-lo a Morte que o toma nos braços e Leva-o. Ficam em cena a o Homem e a Velha que prostrada murmura a canção:

VELHA - Os Salgueiros saigem o ar

O mer e a terra choram

O sol espia o nascente

A lua espia a nascente

O mundo corre sem parar

O mundo morre sem parar

Desesperado o Homem se junta a ela, grita, ri, chora, corre em roda da Velha, quase numa brincadeira - A velha não reage e começa juntar do chão as roupas que foram do Velho - Escurece.

LUZ - O Homem assume alguns elementos do Velho, por ex.: o chapéu, o relógio, a postura etc. Entra a Velha com um ramalhete de flores. Pára segurando as flores a altura do peito, fala como se já estivesse morta - autômata -

VELHA - Estou partindo.

HOMEM - Minha mão... Eu vou sentir saudades...

VELHA - O lado cinzento da cabeleira do dia me pagou.

HOMEM - Que quer dizer isso?

VELHA - Eu já esqueci, eu estou muito velha. Eu também vou sentir saudade.

Durante este diálogo entra a Morte que vai aos poucos carregando a Velha - leva embora. O Homem se vê sozinho, busca no nada, esta sem raízes - é só - Quando está prestes a desfalecer o anjo o sustenta tomando-o nos braços. O Homem fracamente canta:

O mer e a terra choram

O sol espia o crepúsculo

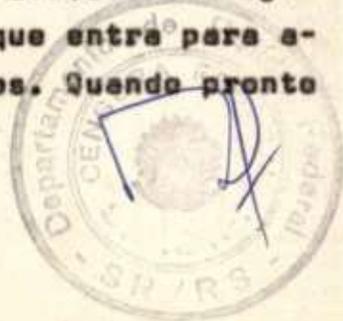
A lua espia o nascente

O mundo corre sem parar

O mundo morre sem parar

O Anjo embala o Homem como a uma criança, o Homem adormece o Anjo beija-o ternemente.

MUDANÇA DE CLIMA - Entra um Anjo-Auxiliar com um travesseiro e ajuda o Anjo acomodá-lo. Os dois Anjos mais um outro que entra para ajudar, constroem um palquinho tipo teatro de bonecos. Quando pronto sobem ao palquinho e recitam para a platéia:



Recitativo dos Anjos

Para ver basta os olhos abrir
Os desejos se podem cumprir.
Os sonhos são todas verdades
No teatro da fantasia.
As visões viram realidade
Recheadas de harmonia.
Para ver basta os olhos abrir.

Agradecem como fazem os artistas e saem os dois Anjos-Auxiliares o Anjo-da-guarda fica tentando acordar o Homem que custa, quando enfim se acorda no palquinho, entram em cena o Boneco-pai e a Boneca-mãe. O Homem sorri e bate palmas de maneira quase infantil.

HOMEM - O meu pai! A minha mãe! (tenta se aproximar mas o Boneco-pai lhe dá uma bronca)

BONECO-PAI - Sente, menino!

HOMEM - Este bom, não precisa gritar, eu sento.

BONECA-MÃE - Ser mãe é desdobrar fibra por fibra o coração.

BONECO-PAI - E ser pai também.

BONECA-MÃE - (carregando uma cesta de pic-nic, olhando para cima) O céu fica espiando a gente, mas a gente espia ele também!...

BONECO-PAI - Meu filho, meu filho! Nós te amamos tanto, confiamos tanto em ti, meu filho!

HOMEM - (tentando agradecer) Mamãe, como a senhora está linda com esta roupa!

BONECA-VELHA - Meu filho!

HOMEM - E o senho, papai! Está tão bem disposto, bonito!

BONECO-PAI - Coisas da sua mãe, meu filho.

A Boneca-Mãe com uma toalha arruma a cena do pic-nic.

A Boneca-Mãe e o Boneco-Pai saem ou não do palquinho para fazerem o pic-nic.

BONECA-MÃE - Está tudo prontinho. Tem sanduíches de maionese com catchup, tem refresco de pacotinho e quibe congelado. Ué? Cadê o fósforo pra gente acender o fogareiro e esquentar o quibe? Eu esqueci...

BONECO-PAI - (furioso) Você não devia ter esquecido!

BONECA-MÃE - Não sei porque. Eu também sou humana, eu também sou filha de Deus!



..... 6

BONECO-PAI - É... Filha de Deus, do Seu Hormônio com a Dona Carótida e tem uma memória de Pintassilgo! Sua!...Sua!... Esquece tudo!

BONECA-MÃE - Eu é que sempre tenho que me lembrar de tudo! Em vez de ficar me chingendo por que você não fez o fogo com dois pauzinhos como o índio faz no cinema?

BONECO-PAI - Demora muito, não dá certo e não adianta!

BONECA-MÃE - Adianta sim senhor...

BONECO-PAI - Não adianta, teimosa!

BONECA-MÃE - E por que é que não adianta?

BONECO-PAI - Porque eu esqueci o fogareiro.

A Boneca-Mãe, de tão furiosa, fica sem fala. Parece engasgada. É preciso dar-lhe um tapa nas costas. Recuperada, estira a primeira coisa que tiver pela frente do Boneco-pai.

BONECO-PAI - Calma, calma, isso não tem importância.

BONECA-MÃE - Como, não tem? Seu pai sempre faz isso comigo, meu filho. Quando se precisa de alguma coisa ele esquece. Ele não sabe ser útil.

BONECO-PAI - Ah, é? E quem é que esqueceu os fósforos?

BONECA-MÃE - E quem é que esqueceu o fogareiro? Hein?

BONECO-PAI - Eu vou pescar. (Levanta-se para sair)

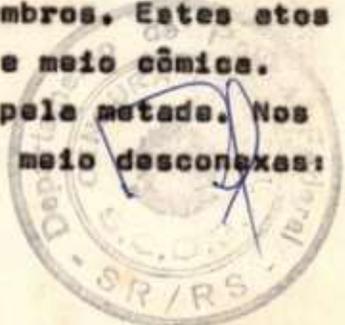
BONECA-MÃE - (ameaçadora, feroz) E não volte sem me aparecer com um peixe assado recheado de farofa!

O Homem durante a discussão vai se encolhendo e quando se faz silêncio ouve-se o seu choramingar como se fosse uma criança. A BONECA-MÃE canta para ele dormir:

Dorme passarinho
Dentro do engredado
Senão o vizinho
Te deixa esganado.

Enquanto a Boneca-Mãe canta entram os anjos que desmancham o palquinho. O Homem adormece e sai a B-Mãe, ela fica no palco vazio até que acorda.

VELHICE/COTIDIANO-AUTOMÁTICO: Forma-se quase que uma coreografia onde o Homem dorme, trabalha e vê televisão; durante a repetição destes atos a postura vai se transformando até fazer as coisas com dificuldade, é um velho. O cansaço de um velho lhe curva os ombros. Estes atos contínuos se transformam na "Dança do Velho". Curte e meio cômico. Tenta executar passos e movimentos que sempre ficam pela metade. Nos intervalos entre os movimentos da dança, fala coisas meio desconexas:



Era uma vez uma moça
Que foi ver se o troço era de louça
Mas a coisa se quebrou
E a moça até gostou

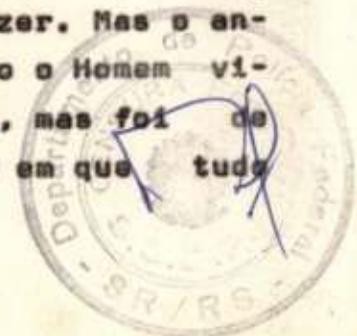
Eu tinha uma família.
Família boa era aquela...
Gente boa mesmo...
Mas, também, não importa muito...
Eu nem conhecia eles direito...

Eu não sabia bem o que comprar
Na feira hippy de artesanato
Pra uns parentes que moravam no estrangeiro...
Achei lindo um sofá de couro de bode, trançado,
Pintado à mão, e também
Uma medalhinha de Santa Ildefonso,
Que por sinal nunca ouvi falar
Como eu gostei dos dois
Não mandei nada...

Quando o Homem vai recomçar a dançar ouve, de cima um chamado.
ANJO-DA-GUARDA - Psiu, escuta.

HOMEM - Eu estou escutando.

ANJO-DA-GUARDA - Era uma vez um homem diferente, muito feliz, que carregava nas costas o seu anjo-da-guarda, que protegeu ele a vida inteira. Protegeu mesmo. Primeiro, não deixou que ninguém notasse que ele era feliz demais porque senão o Homem ia viver se escondendo que nem o Roberto Carlos, os artistas da Globo e as crianças de duas cabeças. Depois o anjo deu tudo que o homem precisava e esse Homem só foi feliz, a vida inteira, desde que era bebê até que ficou velho, bem velho. Quando um dia chegaram os tristes momentos da vida e os ventos da desgraça, o anjo pegou o Homem e fez ele ver só as coisas alegres e felizes. A tristeza quis chegar perto mas não conseguiu, por que o anjo não deixou. Esse Homem feliz teve a mãe e o pai que quis. Esse Homem passou a vida cantando e dançando, amando e comendo, até o trabalho lhe dava prazer. Mas o anjo também não deixava ele exagerar em nada e com isso o Homem viveu muito, muito. Chorou acho que só umas duas vezes, mas foi de alegria. Tudo saiu bem para ele... E não houve o dia em que tudo



acabou. Sem velhinho, caducou... E se enfeitou... Via um mundo bonito que ninguém via e, quando a Morte chegou... Acho que vou que vou parar por aqui, está na hora...

HOMEM - (que durante esta fala se enfeita com flores) O senhor não é um pouco exagerado, o senhor não acha, hein Seu Anjo? Mas continua, conta o resto, conta...

ANJO-DA-SUARDA - Não precisa mais, olha.

MÚSICA DE ABERTURA OPERÍSTICA - Aparecem duas vedetinhas que introduzem a Morte como a Super Vedete, que executa uma dança cômica - a dança é uma tosca mistura de estilos, oriental, primitivo africano, chacrete e clássico. É quase uma cobra ridícula atraindo a vítima para o bote. O Homem se enamora e vai sendo puxado pelo charme da Super-Vedete, até que para a música e forma-se o cortejo, vão caminhando em ritmo fúnebre pelo espaço cênico até que o Homem para e diz:

HOMEM - (de maneira simples, sincera) Eu moro no melhor dos mundos, impossíveis, com uma porção de gente muito boa, que mora onde ninguém pode chegar, só nós, os bons, os de boa vontade.

Durante esta fala as vedetinhas vão trazendo quatro castiçais que serão acendidos no final da próxima fala. O Cortejo anda mais um pouco até que o homem fala novamente:

HOMEM - Eu agradeço, não sei bem a quem... Estou agradecendo por - que eu sempre fui muito feliz... E agradeço mais porque ainda sou! Participei de todas as festas, de todas as comemorações e inaugurações. Durante a minha vida, ganhei todos os prêmios, com absoluta justiça... Tive os amigos e mulheres que desejei. Meus pais, meus superiores sempre me amaram e se orgulharam de minha obediência, pois eu nunca discordei de nada... Sempre vi e li aqui mesmo tudo que podia e falei com quem e de quem também podia... Aqui tudo é tão bom! Nunca viajei, nunca tive o que pagar. Viajar para longe? A um palmo do nesso nariz já acontecem coisas perigosas! E nunca tive que dizer não para nada. Só disse sim... Acho que não houve motivo para dizer não... Não me lembro de coisas ruins... Só uma vez houve uma febre, que eu peguei de pessoas perigosas mas elas foram levadas e desapareceram, eu mesmo não me lembro... E ninguém toca no assunto. Realmente, só me lembro de coisas boas. Parece que não acreditam, eu sinto, mas só me lembro mesmo de coisas boas, felizes, justas... E eu tenho que agradecer à alguém por ter sido tão feliz!